

Sexualidade: “Percepção e Expectativas dos Adolescentes” frente à temática nas escolas da Região Norte do Mato Grosso - Brasil

Marlete Dacroce¹

Resumo: Considerando a atual falta de Parâmetros claros sobre a orientação sexual, condição negativa frente às rápidas transformações do mundo globalizado, evidencia-se uma enorme lacuna no ensino formal. Logo, novos valores sobre sexualidade precisam ser apresentados, até mesmo para compreender a própria existência humana desta forma buscou-se identificar a percepção e as expectativas dos adolescentes sobre a sexualidade nas escolas da região norte do Mato Grosso, uma vez que os adolescentes apresentam percepções equivocadas sobre a sexualidade tendo ainda suas apresenta despreparada, agravando assim as inquietações no ambiente escolar a qual cristalizou suas práticas alicerçadas na cultura cristã primando pelo silêncio. A metodologia adotada teve um enfoque qualitativo, com um desenho quase experimental, do tipo descritivo. Confirmaram-se as hipóteses dado que os adolescentes sem acesso as orientações demonstraram uma percepção distorcida sobre a sexualidade aumentando a ansiedade devido a expectativas não correspondidas, transpondo desta forma, muitas dúvidas e inquietudes para o ambiente escolar, um fator preocupante devido à falta de reflexões nas práticas pedagógicas dos docentes. A conclusão aponta para a efetivação de uma proposta de orientação permanente com capacitação dos docentes para assim disseminar multiplicadores de paz no âmbito escolar.

Palavras-chave: Percepção; Sexualidade; adolescentes.

Resumen: Dada la actual falta de parámetros claros sobre la orientación sexual, condición negativa frente a los rápidos cambios de un mundo globalizado, no hay evidencia de una enorme brecha en la educación formal. Por lo tanto, los nuevos valores sobre la sexualidad deben ser presentados, incluso para entender la existencia humana de esta manera hemos tratado de identificar las percepciones y expectativas de los adolescentes acerca de la sexualidad en las escuelas del norte de Mato Grosso, desde adolescentes actuales percepciones errores acerca de la sexualidad sigue teniendo sus regalos sin preparación, lo que agrava los problemas en el ámbito escolar que cristalizaron sus prácticas fundamentadas en la cultura cristiana sobresaliendo por el silencio. La metodología utilizada fue un enfoque cualitativo con un diseño cuasi-experimental, del tipo descriptivo. Confirmaron la hipótesis, dado que los adolescentes sin pautas de acceso mostraron una percepción distorsionada de la sexualidad creciente ansiedad debido a las expectativas no cumplidas, la transposición de esta manera, muchas preguntas y preocupaciones en el entorno de la escuela, un factor preocupante debido a la falta de reflejos en las prácticas pedagógicas de los docentes. La conclusión apunta a la eficacia de un entrenamiento de orientación permanente propuesto de los docentes con el fin de difundir el multiplicador de la paz en las escuelas.

Palabras clave: Percepción; Sexualidad; adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade humana se encontra envolvida em um enorme jogo de interesse e poder fundamentados nos valores históricos, sociais e políticos. O qual foi constituído por várias concepções, pautado pela pedagogia do silêncio ocasionando muitos problemas devido à falta de reflexões, próprio do contexto pragmático e consumista, onde prevalece o desejo de ter, construindo um paradoxo entre o “ter e o ser”. Desta forma, o conhecimento, perpassa por transformações, o qual por séculos vem mostrando-se através dos tempos, pelas subversões das velhas concepções morais, restando à pobreza de valores na expressão política, em meio a uma crise existencial, na devassidão, na extravagância consumista, diante de tanta “ostentação” carecem de medidas de prevenção, as quais podem vir pautadas em reflexões, com políticas e práticas educativas, que apresentem as mais

¹ Este estudo é um recorte da Tese de doutorado da Acadêmica Marlete Dacroce, Curso de Doctorado em Ciências de la Educación de la Universidade Autónoma de Asunción (UAA).

diferentes abordagens, dentre elas a “orientação” adolescentes como preparação para a vida. A sociedade moderna se ocupa de alguns espaços de debates em seus diversos segmentos, tendo como objetivo compreender as mudanças do comportamento humano e, assim, preparar novas concepções e despertar novos valores, capazes de resolver os problemas sobre sexualidade que se mostra aflorada de forma explícita e agravante dentro da própria instituição escolar que por sua vez se manifesta descompromissada, demonstrando um fazer pedagógico anacrônico². Postura essa que vem sendo historicamente construído pela escola que se omite, uma vez que esta se vê na obrigação de formalizar apenas os conhecimentos, sem a devida necessidade de proporcionar valores culturais, psicológicos e sociais para a melhoria da qualidade de vida dos educandos.

Sendo a escola, um ambiente de interação das curiosidades sobre sexualidade, sexo e o prazer, em meio ao processo de construção da identidade de cada aprendiz, é nela que o aluno aprende a olhar não somente ao seu redor, mas também para dentro de si, onde se evidencia a “necessidade da prática de orientação sexual” enquanto proposta reflexiva, que se vale, não só para com a dimensão biológica, mas também a cultural, social e psíquica da sexualidade humana. Assim figurando, em meio à escola democrática voltada para um trabalho que proporcione a discussão dessa temática, para uma sexualidade saudável e respeitável.

Neste propósito é que, essa investigação se oferece ao estudo e a reflexão, sobre o que vem provocando tanta ansiedade que por sua vez transformam-se em problemas agravantes, dentro do âmbito escolar. Os dados, colhidos para fins de análise das expectativas e dos problemas dos adolescentes frente a não inserção da orientação sexual na escola, com evidência dos problemas mais agravantes no âmbito escolar, sem perder de vista o objetivo que buscou compreender melhor as expectativas demonstradas pelos adolescentes, comparadas à luz das inovações propostas oferecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais no vol. 10 sobre orientação sexual.

A contextualização do referido problema por perceber a fragilidade educacional acerca de como e quando se deve trabalhar a orientação sexual nas escolas, enquanto prática de disseminação dos objetivos, conceitos, valores e metodologias para um trabalho efetivo sobre a referida temática, pois, esta requer uma prática que dê o enfoque holístico e interdisciplinar para que se concretize a práxis na mudança de atitudes e posturas nas relações sociais e sexuais da humanidade como um todo. Antes, porém, mostra-se oportuno elencar as perguntas pertinentes à legitimação bem como a formalização de nossa problemática a ser respondida. Os entraves e as omissões vêm ocorrendo no contexto escolar, mediante os quais não se possa fazer uma pedagogia à luz do conhecimento aos adolescentes, logo, nada obsta sistematizar essa dúvida em forma de perguntas prévias:

Partindo das premissas das práticas pedagógicas que apontam para a responsabilidade da escola quanto à orientação sobre a sexualidade humana, por considerar que é o local onde aflora os desejos, surgindo assim muitas dúvidas sobre a eficácia da temática e, se há substancial conhecimento e preparação desses para que possam abordar a temática, de forma holística e interdisciplinar.

¿Será que os jovens adolescentes demonstram uma percepção distorcida sobre o que realmente significa a sexualidade humana?

Por segundo, ¿os jovens adolescentes estão clamando pelos seus anseios, isto vem gerando muitas dúvidas e inquietações dentro do ambiente escolar?

Em terceiro, ¿será que existem fatores que influenciam no processo de depravação e violência da sexualidade ensino aprendizagem dos adolescentes?

Em quarto, ¿será que a efetivação de uma proposta séria diminuiria os agravantes casos de indisciplina na escola?

E, finalmente essas questões nos conduzem a elaborar o seguinte problema: *¿Será que à ausência de práticas reflexivas no ambiente escolar, é um dos fatores determinantes para que os adolescentes criem percepções distorcidas sobre sexualidade humana?'*

Essas dúvidas vêm suscitando fortes motivos e discussões relacionadas à legitimação dos currículos escolares do Brasil, propostos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9.394), que também assegura a todos, a formação indispensável para o exercício da cidadania, que, por sua vez, também acolhe a temática que aborda a orientação sexual, enquanto “tema transversal” dentro do currículo e do programa pedagógico da escola. Porém, o que fica perceptível é

² Que está ultrapassado, prática desatualizada.

que um número expressivo das escolas públicas não vê como prioridade a abordagem da temática em questão, por considerar um tema ainda bastante polêmico, associado a preconceitos, mitos, tabus. No entanto, os alunos consideram um tema agradável os quais anseiam pela participação em discussões e debates, mostrando até mesmo, muita ansiedade em suas atitudes sobre sexualidade, tímidos pelas concepções herdadas de outras culturas. No entanto, é justamente este o ambiente que precisa ser reestruturado e repensado em suas práticas para a construção do respeito e da responsabilidade com opiniões e desejos.

“Em meio a esse cenário, o que fica perceptível é que os jovens e adolescentes, a cada dia que passa, estão adiantando ainda mais suas experiências sexuais, resultando em “apenas ficar” sem responsabilidade”, em “chantagens”, “piadas de desrespeito”, em “bullyng”, na maioria das vezes iniciada pela “violência verbal, depois “violência psicológica” e, por fim “violência física”. Sem destacar que, inúmeras experiências singulares do passado têm proporcionado, em diferentes comunidade e indivíduos menos cautelosos, a “gravidez precoce”, e a “contaminação por DSTs”.

Muitos casos desabrocham para abusos sexuais, produção de pornografia, distante das vistas e da admissão dos pais, cuja conseqüência dessas atitudes pode-se supor que também se reflita pela falta de orientação sexual que deveria ter sido uma proposta bem trabalhada pela escola e pela mídia que permeia a cultura. Se consideradas as conseqüências negativas que vem ocorrendo, pela atual falta de Parâmetros claros sobre a orientação sexual, condição que se mostra negativa frente às rápidas transformações do mundo globalizado, evidencia a enorme lacuna metodológica no ensino formal de muitas escolas brasileiras. Portanto, novas conceituações sobre sexualidade precisam ser apresentadas, até mesmo as que possam explicar a própria existência dos seres humanos pelas vias da sexualidade. Hoje os jovens adolescentes demonstram mais claramente suas dúvidas, seus desejos, gerando muitas inquietações dentro do ambiente escolar pela ausência de práticas reflexivas. O que se mostra é que, na maioria das vezes, as manifestações de opiniões sobre sexualidade propostas por adolescentes, são vistas como merecedoras de proibições, castigos, indisciplina e desconsiderações.

Também fica perceptível que inúmeros fatores podem influenciar o processo de depravação e violência da sexualidade, já que a escola, ao longo de sua história, vem negligenciando esse tema, não dando valor às propostas de educação participativa, que viesse proporcionar mudanças de atitudes e, por conseqüência, novas e mais ricas inter-relações entre docentes e alunos, num projeto pedagógico que levasse à ação-reflexão, conduzindo o processo interativo que visa fazer do indivíduo um cidadão livre e responsável que respeita a diversidade de orientações, valores e crenças de sua sociedade. Se bem que sexualidade humana sempre esteve envolvida num emaranhado caminho de frágeis valores culturais, como a omissão, o descompromisso propiciando um fazer pedagógico anacrônico que historicamente ainda se evidencia.

Mediante o exposto, a efetivação de uma proposta séria diminuiria os casos agravantes no ambiente escolar nada obstante que a escola que está à frente de uma situação notável de omissão pedagógica, talvez por não articular a inserção do tema nas práticas pedagógicas, ou por questão de a sexualidade se mostra associadas a inúmeros preconceitos, tabus e crenças ainda consiste a pedagogia do avestruz.

Diante do exposto, *Objetivo Geral busca Analisar a percepção e as expectativas dos adolescentes sobre a sexualidade humana nas escolas da região norte do Mato Grosso.*

Partindo dessa premissa geral e das inquietações acima demarcadas, foi possível formular os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar a percepção que os adolescentes têm sobre a sexualidade humana.
- 2) Verificar as expectativas que a temática desperta nos adolescentes.
- 3) Averiguar se as inquietudes dos adolescentes no ambiente escolar se dão devido à falta de orientação.
- 4) Elaborar uma proposta pedagógica efetiva sobre a orientação sexual nas escolas como temática transversal, interdisciplinar aos jovens e adolescentes do norte do Mato Grosso.

Sendo assim, as prováveis hipóteses que a seguir se manifestam serão confirmadas ou refutadas através do confronto entre a teoria e prática demonstrada pelos informantes de nossa investigação de campo, surgiram às seguintes hipóteses:

- 1) Os adolescentes apresentam percepções equivocadas sobre a sexualidade, pelo fato da escola ser omissa, diante do mundo globalizado o qual enaltece a estética “corporal” valores esses produzidos pelo poder capitalista como forma de maquiar, satisfazer interesses e desejos sexuais sem a devida reflexão.
- 2) Os adolescentes estão chamando a atenção da escola para a temática, pois a mesma se apresenta anacrônica e despreparada para suprir suas expectativas.
- 3) A omissão da escola e a falta de conhecimento específico dos docentes sobre a “sexualidade humana” agravam a inquietação dos adolescentes no ambiente escolar.
- 4) A escola cristalizou a prática pedagógica das velhas culturas continuam primando pelo silêncio, quanto à abordagem sobre a sexualidade, fazendo-se necessário reelaborar uma proposta Curricular efetiva e eficaz sobre “orientação sexual” para as escolas do norte Mato Grosso.

Esta pesquisa se justifica pela busca e entendimento dos “por quês sobre a sexualidade”, uma que se evidencia um desafio enorme pelo entendimento, face ao modelo capitalista que se impõem suas regras. Neste caso, as pessoas estão em meio ao consumo desenfreado de bens materiais e, também de manifestações libidinosas de seus corpos. Com apelos ilimitados, não permitindo mais o auto-respeito que o ser humano necessita para com seu próprio corpo, trazendo vários problemas de ordem bio-psico-social. Nada obsta a necessidade de uma abordagem saudável, com ética, com compromisso e responsabilidade, haja visto que os jovens e adolescentes de hoje, estão antecipando cada vez mais suas expressões sexuais, resultando em muitas das vezes, em gravidez precoce, DST, AIDS, prostituição, que tendem a conduzir para a degradação humana, onde evidenciam-se ainda os abusos sexuais, atentados violento ao pudor, à pornografia, à homofobia, à exploração sexual infantil, bem como, os descompassos na deturpação de gênero na representação social.

Em meio a esse contexto, o trabalho sobre orientação sexual, segundo os (PCNs), deve ser pautado como uma estratégia de mudança para um comportamento ético e de responsabilidade educacional, o qual seja pautado no compromisso e interesse dos docentes pela inserção em suas práticas pedagógicas para que possa transpor o foco do processo cultural para uma visão mais qualitativa. Propondo práticas pedagógicas que visam assegurar o respeito e a cidadania, como princípios básicos para a melhoria da qualidade de vida, numa visão ampla considerando todas as dimensões do corpo humano, o biológico, psicológico e sociocultural da sexualidade humana.

No entanto esta investigação tem a função analisar as concepções dos jovens adolescentes e que por consequência possam levar a indisciplina e ou a violência a fim de disseminar por todo o campo institucional seus efeitos trágicos. Em síntese, os maiores beneficiários desse ideal pedagógico serão os alunos e, por consequência todo o corpo docente que se empenha pelo tema, bem como, a sociedade como um todo, visto que a redução de preconceitos diminui a discriminação, e a indisciplina, trazendo vários benefícios ao relacionamento alicerçados na ética para toda a sociedade.

METODOLÓGIA

Tipo de Pesquisa: A Pesquisa configurou-se em desenho tipo “*descritivo*” com enfoque “*qualitativo*”, modelo *quase-experimental*, utilizando a coleta dos dados descreveu-se a percepção do grupo investigado.

Participantes da pesquisa: Foram 500 alunos de (07) escolas Municipais e Estaduais do ensino fundamental do município de Sinop/MT, participantes da intervenção pedagógica, formando, assim, um conjunto dos dados que concordam com a descrição, como procedimento à amostragem dirigida a totalidade dos agentes pesquisados.

Instrumentos de Coleta de Dados: As entrevistas bem como as observações se deram junto ao mesmo grupo de intervenção Pedagógica durante o ano de 2013. A entrevista foi a (30) trinta alunos voluntários participantes da intervenção pedagógica, contendo quatro (04) quatro “questões/perguntas” abertas de acordo com as hipóteses “categorias” e os objetivos específicos.

Procedimentos adotados: Para a coleta dos dados utilizou-se o contato prévio, via telefone com a direção escolar para autorizar a investigação, o segundo momento foi junto à direção escolar pessoalmente. Quando da abordagem expomos o motivo e a temática da pesquisa; nossa identificação enquanto pesquisadora do Programa de Doutorado em Ciências da Educação.

Relatamos aos dirigentes escolares, a relevância que a pesquisa representa para a comunidade escolar de Sinop e região. Foram efetuados vários contatos, até contemplar a proporção de 100% da população da amostra da pesquisa. No entanto para as entrevistas, respeitamos a data e hora, marcados para que pudéssemos completar nossa busca. Nada sem a prévia autorização do informante, que estava a todo o momento ciente daquilo que estava por nos ajudar através das informações prestadas. As falas foram gravadas em meio eletro-magnético “Gravador/USB”, com o uso do gravador portátil e, em seguidas essas falas foram transcritas.

Outra abordagem se deu através da observação, para identificar a construção pelos adolescentes sobre a sexualidade humana se percepções se apresentam distorcidas podendo ocasionar muitos agravantes ao convívio sócio-afetivo no ambiente escolar. Em meio à problemática apontada, são muitas as indagações e a busca por respostas ao problema apontado não se esgota nesta pesquisa, pois aqui se evidencia outros aspectos que merecem ser investigados. Abordamos questões que foram surgindo, na medida em que fomos a campo, ouvindo as pessoas, rastreando queixas, registrando reclamações. Nem toda escola está aberta ao diálogo, quando o assunto é sobre a sexualidade humana. São raros, os professores trabalham com essa temática, porém os alunos demonstram muito interesse por essa temática. Então nos perguntamos por que ainda não ocorrem debates acadêmicos, reuniões escolares para que possam definir conteúdos a serem trabalhados. Na verdade, existe um paradoxo os docentes buscam camuflar a sexualidade como alternativa punitiva para diminuir a indisciplina, os alunos buscam alternativas para essa temática no ambiente escolar.

Temática da Intervenção pedagógica/Sexualidade/Construtora de Caráter: Sexualidade o que é?; Ética: “violência que rola”; Os sistemas mentais; Entendimento psicológico; Panorama sobre a sexualidade em todas as suas dimensões; Que confusão/ ser racional/ser irracional; Beleza” questões de normalidade e anormalidade; A sexualidade na adolescência; Adolescência/Transformações; Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino ou menina; Aparelho reprodutor algumas diferenças e muitas semelhanças; Identidade e auto-estima riscos e vulnerabilidade; Puberdade de lagarta a borboleta; A higiene física, mental e social; Diferentes formas de se relacionar: ficar, namorar, amar, etc; A construção social dos gêneros; Quando o amor faz a diferença relação sexual; A orientação do desejo afetivo e sexual (hetero, homo e bissexual); Fecundação: o casamento perfeito entre o óvulo e o espermatozóide; Gravidez na adolescência; Responsabilidade para a maternidade e paternidade; Métodos Contraceptivos/Prevenção a melhor solução; Prevenção em DST’s e Aids; Direitos sexuais e reprodutivos; Planejamento familiar; Parto na hora “H”. Gravidez a magia da vida? Violência de gênero e sexual “abuso sexual”; Gêmeos caixinhas de surpresa; Uma questão delicada: aborto.

A intervenção Pedagógica aconteceu junto a sete escolas do Município de Sinop/MT, durante o ano de 2013, com aproximadamente (08) oito horas de duração em cada sala. Os alunos foram contribuindo com a pesquisa as mais variadas manifestações “verbais, gestos, comportamentos, atitudes e depoimentos” com grande entusiasmo. No decorrer houve algumas manifestações, depoimentos; traumatizantes e violentas de algumas adolescentes que foram ou estavam sendo violentadas sexualmente.

ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa sobre: Percepção e expectativas dos adolescentes da região norte do Mato Grosso/Brasil. A pesquisa avaliou 500 alunos do Ensino Fundamental do município de Sinop, tendo como sujeitos/objetos de amostra em destaque. A metodologia adotada constituiu-se primeiramente na análise qualitativa, esse método contempla as motivações, atitudes, valores, crenças e tendências. O grupo dos quais tiveram uma “intervenção pedagógica”. Outras técnicas utilizadas foram a “observação” participante objetivo de anotar os acontecimentos, comportamentos e falas sobre a sexualidade, “entrevista” semi- estruturada a alunos do grupo de intervenção. Esta metodologia possibilitou o acesso às informações sobre a sexualidade uma forma mais ampla de investigar, bem como, saber o impacto da intervenção no âmbito escolar.

1 Análise da observação no Ambiente escolar

A observação teve início no mês de (março) estendendo-se até (dezembro) de 2013, nos períodos matutinos e vespertinos, em 07 (sete) escolas públicas Municipais e Estaduais do município

de Sinop/Mato Grosso. A observação ocorreu de forma “participante”, onde o investigador participa diretamente, interage com atividades no grupo observado. Tratando de formular perguntas que permite as pessoas expressarem o que pensam ou sentem. O necessário é estabelecer um vínculo de confiança com os jovens adolescentes pudessem se sentir a vontade, manifestando-se espontaneamente colocando seus sentimentos com respeito um respeito genuíno entre ambos.

As observações aconteceram juntamente com as palestras, no início das aulas tanto no período vespertino como do vespertino, permanecendo durante o intervalo, isto despertava certa confiança por parte dos (as) adolescentes. Incrivelmente, a procura dos adolescentes foi imensa um verdadeiro bombardeio de perguntas outros desabafos dos mais variados assuntos envolvendo a “Sexualidade” (Dúvidas = expectativas = traumas de violências sofridas e curiosidades) Essas inquietações chegava de forma oral diretamente a investigadora e, ou via bilhetes depositados junto à caixa lacrada, intitulada “caixa da sexualidade”.

2. Dúvidas dos jovens adolescentes

“O que é aquele líquido branco que sai do pênis? Se masturbar faz mal pra saúde? Faz o pênis diminuir? Com quantos anos é normal o menino ejacular? Porque depois de bater punheta a gente fica fraco? Com que idade geralmente a menina menstrua? Como acontece a menstruação? Quando a menina menstrua, ela menstrua em qualquer lugar? A menina menstruada pode fazer sexo? Perder a virgindade com que idade? Como acontece a transa? Por que a gente faz sexo? A mulher também tem camisinha? Tenho amiga que engravidaram, e deixaram os estudos? Como acontece o parto normal? Por que é preciso fazer cesaria? Qual é o melhor parto? Se uma menina faz sexo com um menino que já ejacula ela engravida? É verdade que o pênis é o último a se desenvolver? Homem com homem faz filho? Quando dois homens ou duas mulheres tiverem relação sexual eles podem transmitir e pegar a AIDS? Se uma pessoa com vírus beijar outra, pode contaminar se com o vírus? O que podemos fazer para prevenir o HIV, fora a camisinha? Como se transmite? Quais são as doenças transmitidas sexualmente? O que é sífilis? A doença HPV transmite sentando em cama ou em qualquer outro lugar? Se ficar perto pega? Porque tem pessoas que abortam os filhos? Porque a mulher tem menopausa? Quando o homem deixa de ser fértil, com que idade? O que é abusar de uma pessoa? Quando uma mulher é estuprada como ficam as partes íntimas dela?”.

Também nos deparamos com alguns casos mais graves de “Abuso sexual” confirmados. Neste caso as reflexões escolares transformam em possibilidades e as possibilidades em ganhos positivos a orientação sexual como responsabilidade escolar ainda é o melhor argumento para promover e acabar com prejuízos, romper barreiras de quem não tem podido superar seus medos, a escola precisa passar por profundas mudanças para oferecer orientação sexual com seriedade com grande potencial de mudança do comportamento sexual, refletindo sobre as posturas estereotipadas e

Na verdade as descobertas e as inquietações segundo Laura Muller (2005) podem surgir, através da observação já surgem, ou podem surgir com a observação ou então o susto diante das primeiras transformações e percepções do corpo. Então surge o medo, a insegurança dos adolescentes de como agir, que atitude tomar, com quem conversar sobre conquistas e descoberta de si mesmo. Que atitude tomar diante das transformações biológicas das quais ainda não tem entendimento com a pressão psicológica diante da tomada de decisão das potencialidades intelectuais, habilidades sociais, orientação a futura profissão etc... Isto tudo provoca um turbilhão de indecisões acelerando a ansiedade atropelando e antecipando a ordem natural das coisas por aprendizados do senso comum reconstruídos entre amigos, pois a adolescência é como se fosse uma encruzilhada, em que os jovens adolescentes fazem perguntas fundamentais no campo da ética em busca de significações.

Logo, os adultos precisam saber transmitir valores sendo bons exemplos de forma real, para aprender com suas palavras, suas condutas responsáveis oferecendo o melhor para uma boa prospecção ao mundo adulto.

Ainda outros questionamentos nos chegaram via bilhete, destacando a violência sofrida por meninas adolescentes dentro da própria família.

2.1 Adolescentes vítimas de violência sexual

“Quando o pai faz da filha sua mulher. O que fazer? Outra: adolescente... Professora! Me sinto, muito mal! Fui abusada sexualmente pelo meu primo ele me ameaça, me fala coisas horríveis vivo com medo”.

Para Dacroce (2011) diante das relações sociais o indivíduo é coagido, converte-o limitando-o assim há repetir um dia o que de certa forma lhe impuseram, tornando-se dessa forma um divulgador dessa mesma idéia “a violência” No primeiro momento o indivíduo a reproduz da mesma forma que um dia lhe foi imposto. De acordo com ECA (2012) no Artº 5º: Diz que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer de forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Essas inquietações e situações baseadas em relatos oralmente, uma triste realidade crianças e os adolescentes deveriam ser protegidos pela família e pelo estado, como indivíduos de direitos iguais, amados e respeitados. Porém, representações culturais de séculos continuam visíveis quando da origem da família, abordado por Nunes onde o patriarca teria domínio total sobre a mulher e seus descendentes cristalizando historicamente a reprodução da violência entre os seus numa submissão total, dúvidas e traumas. Para Melgosa (2009) a insegurança é provocada pelo eu fragilizado que leva os jovens adolescentes ao medo, a realizar qualquer tarefa para a qual se considera incapaz.

Outra forma de violência contra menores é a pedofelia “a qual é considerada um transtorno sexual” o qual consiste em obter excitação com contato sexual com meninos e meninas os quais nem sabem o que está acontecendo. O pederasta geralmente costuma serem homens adultos com mais de 30 anos que abusa sexualmente desses adolescentes menores de 12 anos, os quais costumam enganar com brinquedos para aceitar tocar ou ser tocado nas zonas erógenas às vezes até o ato sexual, ainda o agressor apóia-se no silêncio, ameaçando com represálias. No entanto o abuso sexual geralmente acontece dentro do ambiente familiar com 85% das vezes é praticado pelo pai, padrasto, avô, tio, primo ou outro parente, vizinho amigo ou outros conhecidos próximos.

2.2. Consequencias da violência sofrida/ relato de uma adolescente

--Professora! *Eu tenho essas doenças ai, com esses corrimentos que a senhora mostrou...*

--*Você já teve relação sexual?*

--*Ah! Professora!*

Neste momento a adolescente iniciou a um choro desesperador, dizendo:

--*Não, eu não quis...*

--*Mas meu tio vem abusando de mim faz tempo. Ele me ameaçou de morte e se eu contar para alguém, ele disse que matar a minha família, um dia eu falei que ia denunciar e, que ele ia ser preso. Então ele disse que se ele fosse preso um dia ele ia sair de lá e eu ia chorar muito mais. Eu não sei, eu tenho medo, mas agora eu também sei que preciso de ajuda e de tratamento, porque ta me doendo e ardendo muito.*

Neste momento confortamos a adolescente, chamamos a professora, a equipe pedagógica da escola para ficarem cientes da situação e após fazer os encaminhamentos ao conselho tutelar (Atendimento psicológico para os encaminhamentos necessários a justiça e ao atendimento a saúde no PSFs). Ficou evidente o medo e o receio da equipe pedagógica escolar em acabar envolverem-se neste caso, neste momento muitos profissionais preferem enfiar a cabeça da areia dando continuidade à dita por Nunes a pedagogia do “Avestruz”.

Após a professora comentou sobre o comportamento que a adolescente estava apresentado no ambiente escolar, dizendo:

-Agora eu entendo o comportamento que adolescentes vinha apresentando e em muitas vezes a julguei equivocadamente.

Esses comportamentos foram apresentados na palestra e confirmados pela professora e equipe técnica pedagógica:

- Manifestação precoce da sexualidade (muito aguçada pela idade);
- Comportamento muito agressivo com colegas e professores;
- Fracasso escolar, evasão da sala;
- Problemas de aprendizagem;
- Falta de confiança nos adultos.

Outros professores comentam entre si... Prefiro não me envolver para não acontecer igual o caso daquela “Conselheira Tutelar” a qual acabou sendo estuprada por (04) homens depois de denunciar um familiar por estar violentando uma menina há algum tempo.

Para Dacroce (2011) desconsiderar esses dados é fechar os olhos para as questões problemáticas de ordem pública e social, deixando dúvidas sobre sexualidade, gravidez precoce,

contaminação por DST, AIDS e violência sexual, cometido contra a mulher pela força e coação, sem que a mesma possa se defender, sendo cometidos geralmente pelos pais, padrastos, pais adotivos e outros. O estupro, infelizmente é freqüente no Brasil, sendo necessário que as mulheres estejam bem informadas para evitar esse mal, sabendo quais providências tomar e a quem devem recorrer. De acordo com Melgosa (2009) o assédio sexual também é uma forma de violência principalmente é exercido por um adulto molestando um jovem adolescente “pessoas do sexo feminino geralmente são as maiores vítimas”. Considerado assédio sexual:

- Toques, beliscadas, carícias ou aproximações que podem ser feitos com o intuito de causar vergonha, ansiedade e humilhação na vítima;
- Gestos e olhares com insinuação sexual inadequados;
- Comentários ou brincadeiras com referência a aspectos eróticos;
- Acariciar o próprio corpo de forma sensual na presença da vítima;
- Bilhetes, desenho, correio eletrônico ou textos de conteúdo sensual dirigidos à vítima;
- Piadas obscenas contadas à pessoa assediada; Ameaças;
- Pressão e assédio sobre a vítima com o fim de obter algum favor sexual.

O assédio masculino para com o sexo feminino é o mais comum. As vítimas costumam serem as mulheres tímidas, frágeis ou introvertidas das quais o assediador se aproxima como presas fáceis para obtenção de um favor sexual.

Relato de Bruna Nicolielo³ Um menino de 11 anos com Síndrome da Down apresentou mudanças bruscas no comportamento; Passou a gemer e tentar passar a mão no corpo da professora, também encostava a boca numa revista que tinha a figura de uma modelo e ficava mexendo a língua, a desconfiança foi confirmada estava sendo abusada pelo próprio pai, a família tirou o menino após denúncia. O caso foi para o Conselho Tutelar e segue sob investigação.

Faz-se necessário de acordo com Foucault (1987) que se pronuncie em alta voz e opinião, para que não se continuem reproduzindo julgamento da qual condena a própria vítimas ao cárcere.

Outro caso: Em uma escola a qual fui chamada para fazer a intervenção (motivo) meninos e meninas se escondem nos fundos da escola para “Relação oral (Boquete)”, gestos obscenos, palavrões e, assédio sexual entre esses adolescentes.

2.3 Percepções destorcidas sobre a sexualidade

“Professora é verdade no que me falaram que aquele líquido branco que sai do pênis do menino “boquete” branqueia os dentes? Continuando a palestra após exposição sobre as DSTs/AIDs, um adolescente interrompeu dizendo: E se a gente lavar o pênis bem lavadinho assim mesmo transmite doenças? Por que o homem goza quando faz sexo? E de onde vem o sêmen? O que é boquete? Prof. Os meninos querem transar mas não querem usar camisinha, não têm camizinha aí eles falam que tira na hora de ejacular isso resolve?”

Diante do contexto escolar a qual a jovem estava inserida criaram-se novos conceitos para manipular a aceitação da relação oral. Foucault (1988) afirma que: historicamente, os homens viveram com regras mais permissivas, quanto sexualidade, para viver suas experiências, mas o tema, sempre abordado entre brincadeiras e imposição com pouco espaço para as reflexões. Já entre as mulheres se fala mais sobre os sentimentos referentes a parceiros, com poucas informações sobre sua sexualidade. Neste caso, elas estão sujeitas a maiores restrições e violências sexuais, fato que tem propiciado dificuldades para elas melhor se compreendam e possam lidar melhor com os próprios desejos, para ter controle sobre suas vidas e seus corpos.

No final da palestra outro aluno procurou-nos para contar algo:

--Sabe professora agora eu entendi porque meu irmão passa horas e horas no banheiro, já vi ele se masturbando no quarto e na semana passada professora, eu vi ele no canil...Fazendo?

--Isto pode transmitir doenças né, professora?

Neste caso acredita-se que, a orientação sexual formal emancipadora deixe de ser uma utopia questão de urgência no ambiente escolar, diante dos relatos podemos observar vários efeitos claros, para terminar com a ignorância, reconhecendo a importância da formação e do conhecimento para

³ Revista nova escola maio de (2003, p. 37) aborda as situações que envolvem a sexualidade exigem jogo de cintura e franqueza. Ver como dez professores lidaram com elas. A Professora Lívia Lima de Moraes.

que os jovens e adolescentes, possam encontrar na sexualidade uma fonte de energia positiva, podendo contar com o aparato necessário para o exercício pleno da cidadania.

Diante das expressões verbais dos alunos diante da intervenção na escola:

2.4 Segunda Categoria: Expectativas dos adolescentes frente à temática

“Isso sim que é palestra, Devia ter sempre, tudo o que o agente precisava saber e muito mais....Coisas que a gente nem imaginava que era parte da nossa sexualidade. Pra mim foi uma surpresa. Muito boa palestra parabéns professora eu gostei muito mesmo. Nunca imaginei que a sexualidade é tudo o que fazemos na vida. Eu achei muito interessante a questão da Sexualidade como agimos e pra ter uma sexualidade saudável ou não depende do jeito que tocamos modo que falamos com os meninos e meninas. Pra mim era normal falar palavrões, falar mal, agarrar os meninos e mais... Muito bom, professora! Ninguém tinha explicado tanto e do jeito que a senhora explicou. Professora a senhora precisa voltar sempre, é muito importante. Professora do céu! eu não imaginava que eu agia de forma irracional! Pior...Eu achava que era certo... Ah! se a gente tivesse tido essas informações a mais tempo!”

Neste caso, a experiência mostra que uma orientação emancipadora tende a diminuir consideravelmente a fonte das agressões, das provocações, do medo e das angustias, para um clima mais harmônico no âmbito escolar. Melo (2012) aponta alguns resultados importantes dos quais: O rendimento escolar, o respeito, a solidariedade se dá devido o alívio da tensão bem como, das preocupações referentes a questões da sexualidade. Os professores neste caso não podem impor regras sobre a sexualidade, sobre como agir. Porém cabe aos professores orientá-los, informá-los sobre os modos de convivência a nível mundial. A normalidade e a anormalidade variam muito segundo os costumes culturais de cada população. O que realmente deverá ser considerado sobre a sexualidade tanto nas dimensões bio-psico-sociocultural, são as reflexões sobre os valores associados, os quais passam a configurar seus próprios valores associados. Buscando a essência da vida, onde somos todos iguais porque somos seres humanos livres com possibilidades de mudança e de diferentes escolhas, nos transformando no indivíduo que queremos. Quanto a comentários da equipe pedagógica escolar foram às seguintes:

2.5 Expectativa do trabalho efetivo/ Equipe pedagógica

“Nossa! Essa palestra surpreendeu até a mim! Palestra maravilhosa! Nem eu sabia que sexualidade envolvia todos os canais de aprendizagem! Professora como melhorou o comportamento dos alunos; agora eles conversam mais, falam menos palavrões, esse seu trabalho é maravilhoso e deve estender a todas as turmas. Participando desses treinamentos juntamente com os alunos foi muito bom pra mim, assim, consegui trabalhar melhor com essas turmas, Professora! Quero que você trabalhe essa temática com todas as minhas turmas melhora e muito o comportamento desses alunos, o bom seria se todos pudessem participar assim seria mais rápido de promover mudanças de atitudes: (falas, gestos e toques)”.

A escola não pode mais viver de “mitos” com a pedagogia do menos, do pouco ou do acaso. Para Nunes (1998) a pedagogia do “avestruz” permanecer imutável enfiando a cabeça na areia, o universo que aí está apresenta rápidas transformações. Já as ideologias e convicções têm a duração de uma descarga elétrica e a consistência, de bolhas de sabão, no entanto, as crianças jovens e adolescentes continuam ansiosas, vivendo um verdadeiro bombardeio da mídia ironizada com mensagens inadequadas a idade. A superexposição do sexo banaliza e excita sem explicar ou, promover debate. E a garotada acha que sabe tudo; as piadas preconceituosas e cheias de estereótipos que cercam a sexualidade. Aí está sexo hoje é apenas objeto de consumo. Nudez, sacanagem, ou apelando faz sucesso?Logo se faz necessário efetivar uma orientação sexual “Emancipadora” que faça a diferença na vida desses jovens adolescentes.

3. Análise das entrevistas: Intervenção Pedagógica

A pesquisa investigou a Percepção e as Expectativas dos alunos do Ensino Fundamental frente à sexualidade num grupo de adolescentes de (07) escolas Municipais de Sinop/MT. Apesar de que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tratem a temática como conteúdo incluso no currículo, abordando todas as dimensões da sexualidade humana construindo desta forma, novas percepções, diminuindo os preconceitos, os tabus, os mitos e a repressão no ambiente escolar, novos

conceitos e idéias são construídas socialmente conhecimentos sobre a “sexualidade saudável nas escolas”.

Realizou-se a entrevista estruturada que norteou a investigação sobre as percepções dos alunos frente a sexualidade, possibilitando estabelecer pontos convergentes e/ou divergências dos princípios e objetivos sobre a “percepção e as expectativas que os adolescentes apresentam frente a essa sexualidade no âmbito escolar”. A organização e análise dos dados foram tratadas simultaneamente, caracterizando um mesmo estudo que em partes objetivas estabelecendo assim uma compreensão maior dos dados coletados, permitindo responder ou não as indagações do início da pesquisa, ampliando o conhecimento do assunto, numa contribuição social.

A análise dos dados, neste estudo foi conduzida por momentos de leitura dos dados e da busca de categorias que respondessem o objetivo proposto. Foram realizadas várias leituras de todo o material coletado, a princípio sem o compromisso de sistematização, mas tentando apreender de uma forma geral as idéias principais e os seus significados.

Nesta fase da análise existiu uma interação significativa do pesquisador com o material, promovendo uma melhor assimilação para uma apresentação mais sistematizada dos dados. A partir desta identificação, procurou-se estabelecer conexões entre esses temas com os objetivos propostos pelo estudo e esses emergiram totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa. As leituras dos dados recolhidos apontaram para a constituição de categorias temáticas das (variáveis) para a apuração e discussão final dos dados, através de inferências particulares de cada grupo de dados estudados, ou seja, para as entrevistas, para guiar a análise foi preciso que o pesquisador além da leitura atenciosa fosse sensível ao que estava implícito nas respostas dos sujeitos.

Iniciou-se a análise dos resultados com as contribuições dos jovens adolescentes do Grupo nº 01: (Grupo de intervenção) das escolas do município de Sinop/MT, estes dados foram fontes fundamentais para o desenvolvimento desta investigação. Estas perguntas respondem a problemática bem como as quatro variáveis da investigação. Primeiramente se busca “Identificar a percepção que os adolescentes têm sobre a sexualidade humana”. Dessa forma, à primeira, pergunta, na opinião dos sujeitos pesquisados (os). Os (30) trinta jovens adolescentes participantes da pesquisa responderam conforme a seguir:

3. 1 Entrevista 01: Percepção da sexualidade. Antes/Depois da intervenção pedagógica?

“A1: Antes eu entendia que era só sexo, entre homem e mulher sexo, agora eu entendi que não é assim, envolve tudo que falamos, pensamos e fazemos ex: (chingar e agredir fisicamente os outros). [...] A2: Há antes eu pensava de jeito diferente de como homem e mulher podiam fazer sexo, hoje sei mais sobre isso e como ter uma boa sexualidade. [...] A3: Olha mudou bastante coisa, agora eu entendo muito mais, porque antes eu achava que era só relação sexual. [...] A4: Antes eu pensava que era só fazer sexo, agora passei a pensar mais coisas sobre a vida depois de ver todas aquelas doenças. [...] A5: Antes eu pensava que era uma coisa mais carnal, agora a gente percebe que é só ato da relação sexual, porque tem muito mais em haver, você to muito mais envolvido do que a gente imaginava. [...] A6: Antes que era só sexo, agora eu sei que é muito mais, o jeito de ser, de ver e de pensar das pessoas. [...] A7: Antes eu pensava sexo, relacionamento entre homem e mulher, agora eu sei que é sobre a vida saúde tudo enfim, tudo o que envolve a vida. [...] A8: antes eu achava que sexo e sexualidade eram tudo igual, agora sei que quem tem uma boa sexualidade é uma boa pessoa. [...] A9: Eu achava sei lá que sexualidade era sexo já que a palavra já vem quase igual, hoje eu sei que são todos os relacionamentos entre as pessoas. [...] A10: Antes eu achava que era só sexo, mas sexualidade envolve o sexo sim, mais é mais coisas. A11: Bom antes eu pensava que era só sexo, agora eu sei que é algumas coisas mais como se prevenir.[...] A12: Antes era sexo, hoje acho importante pensar mai nisso, porque tendo mais informação temos mais segurança.[...] A13: Bem antes que sexo era coisa de adulto, mas vejo agora se os adolescentes não aprender sobre, pode engravidar cedo e pegar doenças porque não teve orientação. [...] A14: Antes tipo só sexo, agora eu vejo que sexualidade é nossas atitudes verbais e o jeito de ver o mundo e muito mais. [...] A15: Antes relação sexual entre homens e mulheres, agora isso também e muito mais, o cuidado de não se expor demais para as pessoas e também para as câmaras. [...] A16: Antes que era sexo, depois que eu vi que era tudo diferente e mais coisas. [...] A17: Sexo e relação sexual agora muito mais que isso. [...] A18: Agora eu vejo que tem muito mais coisas envolvidas. [...] A19: Eu pensava que envolvia somente sexo, agora vejo que não é...[...] A20: Antes como se fosse só sexo, agora vejo que é a relação com o mundo através dos 05 sentidos. [...] A21: Antes era só sexo, agora que é muito mais coisas. A22: Antes eu pensava que era só sexo, agora sei que tem muito mais coisas envolvidas. [...] A23: Antes só era fazer sexo, agora envolve sexo, também muitas outras coisas, podemos trabalhar o preconceito. [...] A24: Simplesmente sexo hoje vê o quanto é diferente. [...] A25: Relação sexual, nossa quanta coisa né. [...] A26:

Nossa prof. Quanta diferença eu não imaginava que era tudo isso. [...] A27: Por isso que é importante alguém que saiba explicar pra gente eu achava que era apenas sexo. [...] A28: sexo agora é muito mais coisas. [...] A29: Relação entre homem e mulher agora sei que tem muita coisa em jogo. [...] A30: Meu deus como eu era burro... Professora. “Agora sei que até o que falamos é sexualidade”.

Segundo Seduc/MT (2012) a sexualidade na escola esta presente atuante em todos os sentidos e expressões: O comportamento dos professores enquanto homens e mulheres, nas práticas pedagógicas, na conformação das famílias e nos livros bem como em pichações nos banheiros, nas carteiras, bilhetes de amor e paixão, em olhares insinuantes direcionados a pernas, decotes, bundas e zíper, através de recadinhos salientes e maliciosos em brincadeiras, piadas e apelidos que discriminam garotos e garotas com orientação sexual diferenciada. A sexualidade esta presente em todas as coisas que fazemos, vemos, ouvimos, tocamos e sentimos e pensamos, são as nossas atitudes e que por consequência poderá nos proporcionar alegria e prazer ou tristeza e dor. Que tipo de sexualidade você elege prioridade para a vida? Uma sexualidade saudável? Ou uma sexualidade violenta e ou anti-social?

De acordo com Dráuzio Varella (2014) veio da proibição de exercer a sexualidade que durante muitos séculos um assunto tratado com ponderação pela sociedade por estar associadas ao sexo e ao ato sexual vinha de uma visão menos romantizada, segundo a qual o prazer sexual era reservado somente ao homem. À mulher, restava o sexo como um meio para cumprir seu papel na perpetuação da espécie. Esta visão machista isolava a mulher de uma função natural do reconhecimento do próprio corpo e ao o prazer, focada tão somente a maternidade. As mulheres que se aventuravam a usufruir desse sentimento de “prazer” ficavam mal faladas era uma espécie de punição moral perante a sociedade. Na época um dos únicos temas discutidos entre o sexo feminino, com menos preconceito eram os métodos de contracepção. Como estes não serviam ao prazer e, sim, à prevenção, a preocupação com as formas de não engravidar passou a ser tarefa quase exclusiva das mulheres.

No entanto, até hoje a sexualidade está restrita a “biologia” sendo trabalhado pelos professores de ciências o “aprender” sobre o corpo deixando uma lacuna enorme entre conhecer o corpo e o interagir com o mundo em que vivemos expressando nossa carga emocional afetiva os quais advêm dos canais de aprendizagens do nosso corpo em sintonia com a mente e o corpo.

A segunda pergunta vem responder a problemática bem como o segundo e o terceiro Objetivo Específico da investigação, os quais buscam “Verificar as expectativas e as inquietudes que a temática desperta nos adolescentes no ambiente escolar”. Em relação à segunda questão, teve a opinião dos jovens adolescentes do grupo de intervenção, os (30) trinta participantes dessa entrevista responderam com as seguintes argumentações.

3.2 Entrevista 02: A palestra provocou mudanças em sua vida?

“A1: Bastante, tipo como usar a camisinha, passei a chingar menos mudou muita coisa na minha cabeça.. [...] A2: O jeito de se comportar dar mais atenção as pessoas, pensar mais e usar sempre a camisinha. [...] A3: Mudou bastante coisa em minha vida o eu fazia antes principalmente na questão mental. [...] A4: Apesar de que sempre me cuidei, mesmo assim achei muito importante porque aí a gente sabe o que vai acontecer ter cuidados. [...] A5: Modificou o modo de ver as pessoas, pois cada um tem sua própria escolha. [...] A6: Tomar mais cuidados em todos os sentidos. [...] A7: Sim porque antes eu agia com mais impulso, fiquei melhor comecei a repensar mais meus atos, pois a vida não é só aqui e agora é muito mais, além disso, e saber que a qualquer hora você pode morrer sem saber por quê? [...] A8: Agir diferente na questão do assédio, também parei de falar palavrões, ter uma sexualidade mais saudável e que cada um tem a sua opção sexual. [...] A9: Bom eu sofri muito bullying na minha sala devido a minha orelha, agora eles pararam um pouco depois da palestra por isso eu acho muito bom, também quanto as pessoas que tem opção sexual diferente, acho que depende de cada um, cada cabeça é uma sentença como diz minha mãe a escolha é sua. [...] A10: Mudei o jeito de ser, saber mais, como eu de menor de idade não devo participar ou fazer sexo só de maior de idade e com responsabilidade.[...] A11: Fez diferença na questão referente a relação sexual, hoje acho normal as pessoas homossexuais,todos são iguais. [...] A12: Sim, tipo eu ficava furiosa por qualquer coisa, achava que era fazer coisa obscenas como eu era impulsiva, xingava muito, agora não eu mudei, não importa algumas pessoas acham um horror menino com menino, ele só é diferente eu não ligo tenho amigos assim. [...] A13: Foi de entendimento a informação não é só para os adultos, agente precisa aprender desde cedo para não errar. [...] A14: Sim parei de xingar, ter mais cuidados, ter mais paciência, não agredir pensar mais antes de fazer as coisas, respeitar todas as pessoas. A15: Deixar de ter preconceito das

peessoas. [...] **A16:** Acho que sim, na questão de ficar zoando dos colegas, na nossa igreja não é certo homem com homem, mulher com mulher, mas agora eu sei que tenho que respeitar. [...] **A17:** Há sobre os homossexuais eu não sou contra, mais ainda acho um pouco esquisito, mas, não discrimino porque o que importa é o caráter da pessoa. [...] **A18:** Usar sempre a camisinha, não agir de forma impulsiva, ter mais higiene, de não ter preconceito, deixar os gestos obscenos, xingar e falar palavras vulgares, antes eu achava que era errado a relação homossexual agora vejo que cada um deve ter sua liberdade.[...] **A19:** Sim muito, entendi mais sobre os cuidado, vejo todas as pessoas como normal.[...] **A20:** Mudou meu modo de pensar, o modo de ser, antes eu achava que as pessoas homossexuais não eram normais, já estou mudando o meu jeito de pensar.[...] **A21:** Sim, claro por que eu era muito impulsiva (instintiva), o meu jeito, o modo de vestir e de pensar. [...] **A22:** Antes eu xingava muito minha prima agora eu parei com isso, respeitar as escolhas de cada um.[...] **A23:** Sim, fez antes eu ficava chamando os outros de bicha os meninos por serem virgens, xingava de guays agora eu vejo que eles são iguais a nós e precisam ser respeitados.[...] **A24:** Com certeza, respeito mais as pessoas e, estou mais quieto, falando menos besteira.[...] **A25:** Sim, tipo eu tinha uns pensamentos bobos, como fazer coisas obscenas com meninas, tipo agora penso não pensar mais tanto nisso, tento ver como seria meu futuro depois da palestra, também achava estranho menino com menino, agora vejo que cada um tem seu gosto e pensa o que quer. [...] **A26:** Sim porque antes eu via essas pessoas homossexuais como psicopatas, agora vejo com pessoas normais com os mesmos direitos e devem ser respeitados. [...] **A27:** Sim sobre a violência, usar camisinha sempre e respeitar o jeito de ser de cada um. [...] **A28:** Sim, para não fazer mais besteira, não ficar dando bola para os meninos, deixar de ficar agarrando os meninos, não fico mais dando bola para os meninos. [...] **A 29:** Sim fez diferença porque hoje penso diferente. [...] **A 30:** Mudei o jeito de pensar, respeito mais as pessoas”.

Essas Mudanças de acordo com Nóvoa (2014) “implica obviamente em um conjunto de mudanças que leve à percepção de que muito mais do que consumir conhecimento, é importante a criação de conhecimento na escola. É no ato da criação que se dá a dinâmica da aprendizagem”. Uma escola construída em redes onde “escola, professores e alunos estejam interligados”, em sintonia e isso implica que os professores se apropriem desse “conhecimento” e dêem mais sentido ao trabalho escolar, “nós não precisamos dar boas notas o que precisamos para sermos bons é dar boas aulas”. Precisamos falar para atender novas expectativas, uma nova linguagem, outra maneira de ver e sentir o mundo é exatamente isso que os adolescentes querem ser entendidos.

Na verdade é que se criaram estereótipos de que “omitir ou fragmentar se estaria educando”, de acordo com Brasil (2006b) neste caso é relegar ao acaso ou a vulnerabilidade associando desta forma comportamentos que criam a oportunidade de distorcer valores. Para que haja aprendizagem e por consequência a mudança de atitudes depende da significação e qualidade das informações, o grau de consciência dos envolvidos. Para a construção de uma sexualidade com novos saberes se faz com a aquisição de novos valores, estes capazes de promover mudanças está o professor a forma como se relaciona o conhecimento, seus valores pessoais, o equilíbrio emocional e a interação que faz da sua própria sexualidade. Neste caso os recursos são secundários, primeiramente está à qualidade e a desenvoltura do professor (a) e a eficácia de uma pedagogia que conta com a função indispensável do professor de poder mudar o mundo.

Segundo Ariza et el (2010, p. 274) o perfil do professor para trabalhar essa temática:

- 1º: Personalidade;
- 2º: Conhecimento sobre a Sexualidade;
- 3º: Capacidade de interação;
- 4º: Valores e convicções;
- 5º: Equilíbrio e integração da própria sexualidade;
- 6º: Capacidade de criatividade e iniciativa.

Assim, professores criativos conseguem os melhores resultados, nada influenciará mais o aluno do que o próprio professor uma vez que é um desafio da escola trabalhar com situações tão diversas quando se trata da sexualidade⁴; uma menina se masturba numa turma da creche, um garoto é alvo de gozações por brincar de boneca, outra aluna posta fotos sensuais nas redes sociais, sem considerar as consequências. A melhor foi de agir diante desses casos é entender o cenário atual bem como estimular todos a respeitar o próprio corpo e o corpo do outro bem como a diversidade no mundo.

⁴ Bruna Nicolielo. Revista nova escola maio de (2003, p. 35) aborda as situações que envolvem a sexualidade exigem jogo de cintura e franqueza. Ver como dez professores lidaram com elas.

Neste caso, professores (as) são modelos de homens e mulheres, mesmo sem revelar a dinâmica interpessoal direta ou indiretamente colocam pelo exemplo uma carga de conceitos, valores, medos e preconceitos sobre a sexualidade. “É peculiar, em geral que os professores não assumem que estejam educando sexualmente, assim como os (as) adolescentes não tem consciência de que está sendo influenciado”.

De acordo com Guimarães (1995), há uma inocência de mão dupla a qual oculta à perpetuação de determinadas posturas preconceituosas e discriminatórias, por outro lado a possibilidade “aberta” de se valer de momentos de reflexão se valer da experiência adulta para momentos críticos como norteadores da aprendizagem cognitiva afetivo-emocional numa dinâmica onde a escola “se contamine” por essas preocupações apontadas no relato dos (as) adolescentes existe a possibilidade de reverter o jogo, mas para isso precisamos descalçar os chinelos da sexualidade preconceituosa irracional para uma educação participativa, onde o aluno tenha a oportunidade de exercer julgamentos assumir compromissos e realizar condutas relativas a sexualidade, como a essência para uma vida mais feliz. A sexualidade reside no corpo como uma mola precursora que busca a transformação numa uma força incalculável.

A terceira pergunta vem responder a problemática bem como ao quarto Objetivo Específico da investigação, o qual busca “verificar as expressões distorcidas da sexualidade no ambiente escolar”. Em relação à terceira questão, coletou-se a opinião dos jovens adolescentes do grupo de intervenção, os (30) trinta participantes dessa entrevista responderam com as seguintes argumentações.

3.3 Entrevista 03: Você acreditava estar certo frente algumas “atitudes/ distorcidas” referente à sexualidade?

“A1: Como todo mundo falava muito palavrão assim eu falava também, depois que a senhora explicou, aí que eu vi que eu falava coisas que nem sabia o que era. [...] A2: Eu me comportava de uma de um jeito que agora eu não faço mais, pior que eu achava que era certo. [...] A3: Nossa! Eu pensava tanta besteira. [...] A4: Mais foi na questão do pensamento nunca imaginei tanta diferença no jeito de pensar das pessoas. [...] A5: Eu xingava todos de guey, eu achava muito errado isso. Agora sei que são seres humanos iguais a nós. [...] A6: Ah! Eu falava tanta besteira, falava para tirar sarro dos colegas! Nossa! Eu achava que devia fazer sexo ou coisas obscenas com as meninas, porque todos faziam. [...] A7: Falava tanto palavrão, agora sei que para ter uma sexualidade saudável preciso agir diferente. [...] A8: Seria menos impulsivo. [...] A9: Não teria agido diferente não aceitaria o bullying como normal por tanto tempo. [...] A10: Eu via as pessoas sempre pensando em coisas erradas. Eu achava que não precisava de tantos cuidados, mas agora vejo a importância do conhecimento, porque quando a gente não conhece vai pelo que os outros falam. [...] A11: Eu não pensava se alguém me xingava eu devolvia o xingamento e assim por diante. [...] A12: Eu me incomodava por qualquer coisa até mesmo por coisas que não tinha nada em haver, só pra achar um jeito pra brigar. [...] A13: Eu não concordava com o jeito de agir das pessoas homossexuais eu achava muito errado esse comportamento, agora sei que eles podem ser livres e iguais. [...] A14: Na relação sexual eu não tinha entendimento diferente eu achava que ter relação uma semana depois na menstruação eu estava segura, por que uma amiga me disse que era assim que ela se cuidava. [...] A15: Eu agredia muito, com palavras, gestos e brigava muito principalmente por ciúmes. [...] A16: Ficar me expondo as câmaras em situações íntima. [...] A17: Achar que todas as pessoas são metidas “preconceito”. [...] A18: Antes eu era muito exposta “sexualmente” tinha um menino que passava a mão e batia na minha bunda, eu nem ligava achava normal, agora eu tenho outra atitude, vejo que não é certo. [...] A19: No meu caso a questão da própria relação sexual a 1ª vez usamos camisinha agora não usamos mais nada a minha namorada se cuidava com a tabelinha que amigas tinham explicado, vejo que temos que mudar esse pensamento. [...] A20: Foi deixar usar camisinha pelo impulso, relação sexual em locais e com pouca higiene. [...] A21: Eu não ficava perto de meninos ou meninas homossexual achava muito errado, tinha preconceito, hoje estou tentando mudar o meu jeito de pensar. [...] A22: O meu jeito de pensar e o meu jeito de vestir eu me vestiam de forma totalmente errada chamava a atenção de forma vulgar e achava que os outros é que eram errados por falarem e outras coisas. [...] A23: Eu chamava de bicha todos os meus amigos virgens, agora sei que é normal ser virgem porque cada um tem seu momento e se a gente pressionar eles é violência. [...] A24: Pra mim foi que toda vez que alguém falava sobre sexualidade pra mim era aprender fazer sexo, nunca imaginei que era tudo o que a gente faz na vida. A25: Não pensar só em sexo o tempo todo, pensar no futuro o que eu vou ser. [...] A26: Pensar somente em coisas obscenas. [...] A27: E não teria feita tanta coisa errada, ir pela experiência de amigos... Hoje sou já pai. [...] A28: Não faria tanta besteira com meninos. [...] A29: Na escola eu agarrava os meninos, puxava para o banheiro, uma forma que eu tinha de chamar a atenção, não faço mais isso. [...] A30: Eu cometi muitos erros

porque eu não saía, fui na conversa de amigas, engravidei, parei de estudar um tempo, meu filho morreu, agora voltei se eu tive tido essas informações tudo podia ter sido diferente”.

Esses depoimentos para relatar o quadro caótico das percepções que os adolescente tem frente a sexualidade, bem como uma receita dos próprios adolescentes sobre o entendimento. Da possibilidade de reverter a situação posta até então, pois segundo eles essas orientações deveriam presente sempre desde o início da escolarização e não somente quando acontecem problemas. O objetivo deste trabalho foi de informar, com princípio básico maior de formar novos conceitos e valores, no intuito de levar os (as) adolescentes a ter parâmetros para escolhas conscientes e coerentes. Guimarães (1995) os jovens recebem através dos meios de comunicação, informações e bem como solicitações fragmentadas de acordo com o interesse comercial de consumo. Contrapondo-se ao silêncio das vozes educativas que na escola, se calam, e na família se esfriam.

Desta forma, “o sexo e a sexualidade para os adolescentes é assunto urgente, se demorar muito para que tenhamos essas informações, perderá a razão, pois de um jeito ou do outro, ficaremos sabendo de muita coisa, sem ter certeza do que é certo e o que é errado”. (GUIMARÃES, 1995, p. 62). E é esse aprender por conta própria é que contribui para a reprodução do bullying e da discriminação diante da escola oculta relega toda uma geração a condição de inferioridade, produzindo sofrimento de toda sorte de discriminações incluindo as agressões verbais, físicas e psicológicas, com isso acabam por afrontar totalmente o direito de estudante de direitos iguais garantidos na constituição Federal/ na LDB (lei 9394/96) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O importante é dar o primeiro passo em direção de uma pedagogia libertadora cerrar as amarras das velhas concepções para uma vida mais sociável de construção permanente e participativa, aprendendo juntos como lidar com as diferenças, alicerçados em técnicas de sensibilização através de dinâmicas grupais.

“A sexualidade humana além de ser um elemento fundamental da condição humana deve ter suas deferentes expressões consideradas à luz da cultura dos direitos humanos. O livre exercício da sua sexualidade saudável” (BRASIL, 2006b, p. 12). Construir um espaço de diálogo é comprovadamente, um dispositivo para construir uma resposta social condizente com vistas à superação das relações humanas conflituosas.

A quarta pergunta vem responder a problemática bem como ao quarto Objetivo Específico da investigação, os quais buscam “Elaborar proposta pedagógica efetiva sobre a orientação sexual para as escolas de forma interdisciplinar”. Em relação à quarta questão, coletou-se a opinião dos jovens adolescentes do grupo de intervenção, os (30) trinta participantes dessa entrevista responderam com as seguintes argumentações.

3.4 Entrevista 04: Qual a sua opinião da escola trabalhar a efetivamente a orientação Sexual em sala de aula?

“A1: A escola deveria estar sempre comentando sobre isso porque os pais não falam sobre ainda pra eles é um tema proibido, agora a gente tem livre arbútrio, a gente pode se informar, mas, nada melhor do que falar com pessoas que sabem e têm experiência porque os livros estão aí, mas, a gente não sabe interpretar aí não faz diferença nenhuma. [...] A2: acho que a escola deveria trabalhar, porque os adolescentes em si estão muito despreparados para a vida, vivem reclamando, por isso meninas de 13, 14 anos estão engravidando. Para a gente que não correu atrás..., mas a gente não sabe procurar as informações certas e assim se a escola trabalhasse evitaria muitos constrangimentos. [...] A3: Deveria ter sim, porque eu conheço (03) três meninas que estão grávidas talvez se tivesse tido orientação isso não aconteceria. [...] A4: Claro, faria bastante diferença. [...] A5: Será muito bom porque alguns para os alunos indisciplinados iam ajudar muito a eles. [...] A6: Acho muito importante mesmo. [...] A7: Eu acho bom porque nós precisamos aprender o certo as mais cedo essas coisas. [...] A8: Sim, para a gente ter mais entendimento. [...] A9: Eu acho que vai fazer muita diferença, porque nós vamos ter mais informações sobre a sexualidade. [...] A10: Penso que deveria continuar. [...] A11: Bom para cada vez tar mais orientado sobre este assunto para não errar muito. [...] A12: Deveria trabalhar sim, muitos jovens não sabem muito, sobre o que fazer? Como se cuidar? [...] A13: Acho muito importante, porque pode até mudar a vida de certas pessoas porque os pais em casa não conversam sobre isso. [...] A14: Acho que deveria ter se tivesse essa orientação, ninguém, ia sair aí fazendo piadas. [...] A15: Deveria ser obrigatório na escola para dar esse refúgio aos alunos, porque os alunos precisam dessas informações. [...] A16: Sim para a nós ter mais consciência. [...] A17: Muito importante a gente fazer sim. [...]

A18: Acho muito importante. [...] A19: Muito importante. [...] A20: Eu acho que sim, assim que é certo se a gente fosse ficar sem essa orientação a gente ai ficar fazendo tudo errado, sem higiene e nem como se cuida. [...] A21: Vai melhorar muito a convivência, tipo o que ia precisar e o que não ia precisar. [...] A 22: Sim, para ter mais entendimento. [...] A 23: Acho que sim, o professor deve saber para trabalhar o melhor. [...] A24: Se continuasse sempre assim ia ajudar muito a ter mais cuidados. [...] A25: Acho que de vez enquanto é bom trabalhar com essas palestras de orientação. [...] A26: É sim, porque tem muitos pais que não conversam em casa. [...] A27: Seria bom acho que melhoraria muito. [...] A28: Acho muito importante para mudar a mente das pessoas. [...] A29: Eu acho muito importante porque os pais não falam sobre isso. [...] A30: Acho que é importante a gente se sente mais seguro e falar mais sobre essas coisas”.

Diante das manifestações dos adolescentes, colocou-se a necessidade, a importância deste trabalho na escola para fomentar novos valores a fim de melhorar a saúde física, psicológica e social, pode-se dizer da necessitamos obviamente de um conjunto de mudanças, porém todas as mudanças levam a uma grande transformação do que são os processos de aprendizagem. A escola precisa utilizar o conhecimento para promover a inclusão com a capacidade de ajudar os jovens adolescentes a se encontrarem neste percurso da vida, dando sentido as coisas, compreendê-las para assim contextualizá-las no sentido de despertar o compromisso e a responsabilidade.

No entanto abordar conteúdos, baseados apenas na informação sobre a anatomia e a fisiologia para Brasil (2006b) leva a um distanciamento entre a aprendizagem escolar e a vida dos indivíduos na sociedade. Por isso é importante o “aprender ensinar para a vida” a necessidade de promover a compreensão e a valorização de corpos reais na sua integridade, com características biológicas, com história, cultura bem como atitudes, comportamentos, habilidades e limitações. Pessoas com valores, desejos e fantasias com relação direta ou indireta com os lugares ou épocas construindo novas relações. A partir de uma proposta desafiadora que tenha como objetivo transpor o real envolvimento da escola partindo de uma formação permanente e assessoramento constante os docentes no intuito de romper a herança de uma educação “ultrapassada” moralista e repressiva. A escola necessita urgentemente de mudanças profundas para oferecer uma educação, falar de sexualidade com serenidade e responsabilidade derrubando muros das posturas estereotipadas e repressivas. As reflexões escolares possuem a magia da mutação, transformando as possibilidades em ganhos positivos. Essa possibilidade poderá se confirmar a partir do texto a cima quando a escola for contagiada pelo prazer de viver planejando o caminho que se quer percorrer para o exercício integral da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entanto, a escola deve estar embasada na importância do processo político pedagógico a fim de construir nos adolescente novos comportamentos alicerçados nos valores éticos emancipatórios uma que os ainda não demonstram ter confiança na escola e nem segurança para tirar dúvidas com ao professores. Por isso continuam atribuindo em primeiro lugar a responsabilidade da orientação sexual a família ou então a ninguém isto devido a conceito pré-estabelecido onde a família não encontra tempo para dialogar com os adolescentes estes em contra partida se viram sozinhos através do mundo globalizado; erros reproduzidos antecipando drasticamente a vida sexual ativa para antes mesmo dos (09) nove anos de idade, escravizados e reprimidos pelo silêncio familiar/escolar, buscam a excitação e a exploração do corpo biológico como uma válvula de escape para suas angustias psicológicas.

O grupo que participou da intervenção demonstrou maior pré-disposição as mudanças com atitudes mais saudáveis, alicerçado no diálogo, buscando através do autoconhecimento chegar ao equilíbrio. As manifestações da sexualidade, elencadas nesta investigação como “atitudes de depravação”, demonstraram claramente ser um pedido desesperado e inconsciente para que alguém fale sobre sexo e sexualidade, pois, diante da falta de conhecimento acabam tendo expressões distorcidas da sexualidade como uma forma de maquiagem, dizendo saber tudo sobre sexo e sexualidade ou então simplesmente reproduzem o que até então lhes é imposto.

Ainda, o índice de exclusão, de discriminação bem como os preconceitos diminuiu consideravelmente a partir da intervenção onde antes era vista como anormal pura safadeza para com as deferentes orientações, a “homossexualidade” após passa ser entendida e respeitada como dentro da normalidade. Pois a inclusão é a capacidade que temos de entender e reconhecer-se a si mesmo no

outro como ser humano de direitos e deveres só assim é possível viver a experiência das diferenças sexuais, com maior entendimento melhor o a personalidade própria de cada indivíduo, o qual é definido por um conjunto de tendências emotivo-afetivas herdadas ou adquiridas às quais irão regulamentar e equilibrar as condições de cada ser ao ambiente, permitindo-lhes da interação harmônica e equilibrada junto aos (as) adolescentes.

A discriminação e o preconceito estão em níveis elevadíssimos, estamos inseridos numa sociedade onde há séculos reproduzem uma tradição de medos e mitos uma idéia pouco agradável anti-social aos nossos dias, prevalecendo insultos pejorativos como algo terrível a qual envolvesse doença, vergonha e, ou desonra. Ainda que exista uma maioria, sempre haverá pessoas que vivem de forma diferente e é isso que nos faz seres humanos maravilhosos, pois assim temos a possibilidade de aprender com base no conhecimento e da interação com as diferenças. Logo, uma proposta efetiva seria uma possibilidade capaz de promover mudanças diante do modelo consumista que impõem suas regras a todo instante, adolescentes estão sendo levados ao consumismo desenfreado de bens materiais como de corpos com manifestações libidinosas, ilimitados não permitindo mais o respeito para com o seu próprio ser.

Dado o mundo globalizado, onde a todo o momento maquiagem-se as ações formais produzindo um paradoxo entre o “refletir” e ou continuar “omitindo”, não mais tolerável para a escola a pedagogia do avestruz a qual há séculos vem perpassando pelas subversões das velhas concepções morais, restando à pobreza de valores na expressão política, na crise existencial, na devassidão e na extravagância consumista para uma visão mais qualitativa a qual vise assegurar a cidadania, como princípios básicos para a melhoria da qualidade de vida partindo da construção do próprio ser humano. Portanto uma proposta a qual prime pela ética e valorização do ser humano compreendendo as mais diversas temáticas sejam trabalhadas pela escola, de forma dinâmica e flexível por profissionais capacitados, conforme as necessidades de cada grupo, demonstrando uma integração dos conteúdos com as diversas áreas do currículo no contexto sócioeducativa com didática participativa centrada nos jovens adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Ariza, C; C. M. D; Galan; Gabriel, M. (2010). *Programa Integrado de Pedagogia sexual em la escuela*. Madri, España: Narcea.
- Brasil, PCNs. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Orientação sexual* (vol.10, 1ª ed.) Brasília.
- Brasil, Constituição. (1998). *Constituição: República Federativa do Brasil*. 1ª ed. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Brasil, LDB. (1996). *lei de diretrizes de bases da educação nacional. lei nº 9.394*, Brasília: 20 de dezembro.
- Brasil, Lei Maria da Penha. (2001). *Lei nº 11.340*. Brasília: Senado Federal.
- Brasil, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. (2003). *Educando para a diversidade os GLBTS na escola: Gays. Lésbicas. Bissexuais. Transgêneros: Orientações para educadores e país*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil/ Corsa, SEC, Direitos Humanos. (2003). *Educando para a diversidade*. São Paulo, SP: Secretaria de direitos humanos.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2006a). *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância (2006b). *Ética; Violência que Rola*. Brasília, DF: MEC.
- Dacrocce, M. (2011). *Orientação sexual nas escolas públicas*. Sinop, Mato Grosso. Imprenorte, 2011.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade: O uso dos prazeres* 3ª ed. Rio de Janeiro, Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1988). *A história da sexualidade: A vontade de saber* (10ª ed.). Rio de Janeiro, graal.
- Guimarães, I. (1995). *Educação sexual na escola: Mito e realidade* (vol.1). Campinas, São Paulo: Mercado de letras.
- La. Taille, Y. de; Oliveira, M. K. de; Dantas. H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias Psicogenéticas em discussão*: São Paulo, SP: Summus.

- Melo, M. M. M. de. (2012). *Educação sexual hoje*. Rio de Janeiro, RJ: Cel editora.
- Melgosa, J. (2009). *Mente positiva; como desenvolver um estilo de vida saudável*. Tatuí, São Paulo: Casa publicadora Brasileira.
- Mora, E. (2011). *Psicopedagogia Infanto-Adolescente; Puberdade e adolescente; Dos nove aos dezesseis anos*. Buenos Aires, Argentina: Impreso Cultural, S.A.
- Moraes. Revista Nova Escola. (2003). *Sexualidade na escola*. SP: Nova Escola.
- Muller, L. (2005). *500 perguntas sobre SEXO do adolescente; um guia para jovens, educadores e pais*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Nóvoa, A. (2014). *O professor na educação do século 21*. Entrevista Escrita por Analice Bonatto. Abril.
- _____. (2009). *Professores imagens do futuro presente*. Lisboa/ Portugal. Instituto de Educação.
- Nunes, C. Apº. (2010). *Educação sexual; Uma educação emancipadora*,MG: Cedic.
- Seduc/MT. (2012). Superintendência de Diversidade Educacional Gerência de Diversidades. *Orientações Curriculares para Educação em Direitos humanos, Gênero e Diversidade Sexual*. MT: Editora Print.
- Varella, Dráuzio. (2014). *Desencontros sexuais*. São Paulo, SP: Folha de São Paulo.
<http://pt.www.drauziovarella.com.br>. Acessado dia 20/02/2014.
- Varella, D. (2014). <http://drauziovarella.com.br/mulher-2/mulher-e-sexualidade>. 20/02/2014.